

Conquista e Nova Conquista: Dos Libertadores ao “Libertador” - As independências e os usos do passado

Marcus Vinícius de Morais¹

Resumo: A imprensa foi uma das grandes armas das independências. O jornal *Gaceta de Caracas* defendeu o poder da coroa espanhola, ao passo que o *Correo del Orinoco*, localizado em Angostura, foi favorável à emancipação. Cada um a seu modo, e partindo de diferentes interesses, os dois periódicos recorreram às narrativas do período colonial. A *Conquista* do século XVI e os escritos do capitão espanhol Hernán Cortés foram imagens recorrentes no século XIX, tanto na elaboração dos discursos que justificavam uma *Nova Conquista*, em nome da Espanha, quanto nos textos que passaram a construir a imagem heroica de Bolívar. Entre ataques e elogios, em uma disputa pela memória e pelos usos do passado colonial, a figura do *Libertador* foi sendo erguida e, aos poucos, ocupando um importante espaço nas lutas discursivas a respeito das independências hispano-americanas.

Palavras-chave: Independências; Simón Bolívar, Conquista Espanhola.

Conquest and New Conquest: from the Liberators to the "Liberator"

Abstract: The press was one of the great weapons of the independence movements in America. The newspaper *Gaceta de Caracas* defended the power of the crown of Spain, while the *Correo del Orinoco* favored emancipation. Each in its own way and based on different interests, they both used narratives from the colonial period. The 16th century Conquest and Spaniard Hernán Cortés's writings were evoked in a recurring way in the 19th century, both in order to elaborate the discourse that justified a New Conquest in the name of Spain and in the texts that built Bolívar's heroic image. Between attacks and compliments, in a dispute for the memory and the uses of the colonial past, the image of the *Libertador* was elevated and little by little began to occupy significant space in the discursive fights concerning the independences of Hispanic-America.

Keywords: Independences; Simon Bolivar; Spanish Conquest.

¹Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Major Sólón 634, apto 34. Cambuí - Campinas (SP), CEP 13024-091. e-mail: moraismarcus@yahoo.com.br. Tese: “*Bolívar entre a cruz e a espada: o Correo del Orinoco, Las Casas, Cortés e as independências (1818-1822)*”. Pesquisa orientada pelo professor Livre-Docente José Alves de Freitas Neto. ORCID: 0000-0001-8335-4127.

Artigo recebido em: 16/01/2022

Artigo aprovado para a publicação em: 15/03/2022

Em 1º de novembro de 1817, Simón Bolívar escreveu a Fernando Peñalver: “[...] a imprensa é tão útil quanto os equipamentos”. Bolívar dizia, de certo modo, que a imprensa, mais que um simples objeto, era também uma arma. Não sem motivo, o uso de termos bélicos acompanhou a história dos periódicos: “notícia bombástica”, “guerra de opiniões”, “matéria devastadora”, “metralhado pelas críticas”, “atacou”, “defendeu-se”. Surgidos a partir de uma tradição da Europa, e dialogando com a nascente opinião pública, os jornais desempenharam um importante papel durante as independências hispano-americanas, estabelecendo profundas conexões entre cultura, política e sociedade. Na capital venezuelana, a *Gaceta de Caracas* (1808) defendia a coroa espanhola, ou seja, era um jornal realista, ao passo que na cidade de Angostura, o *Correo del Orinoco* (1818), emancipacionista, tentava promover a independência.

O historiador Jaime Rodríguez afirmou que “[...] as publicações periódicas desempenharam um papel central na difusão do ‘novo modo de ver as coisas e conceber a vida’ por todo o mundo espanhol” (RODRÍGUEZ, 2005. p.83). As ideias ilustradas, que seriam essa nova maneira de enxergar a realidade, circularam tanto na Espanha como em toda a América. Elas foram transmitidas a partir das folhas impressas dos periódicos, dos livros, em conversas informais, pelos debates ocorridos nas ruas e, naturalmente, por textos e discursos políticos. No entanto, essa penetração das Luzes em território hispano-americano não aconteceu de modo arrebatador. Ela se deu de forma lenta e moderada, misturada às tradições narrativas já existentes no interior das sociedades coloniais. José Carlos Chiaramonte, por sua vez, comentou:

Esta forma moderada de penetração das novas ideias trabalhou como uma eficiente intermediação entre o novo pensamento e a ordem colonial; [...] a suposição de que o pensamento ilustrado ibero-americano pode ser entendido como ruptura em relação ao pensamento metropolitano é impossível de ser sustentada. É preciso pensar como a cultura colonial entrou em contato com estes novos pensamentos (CHIARAMONTE, 1979, p.17).

Nesse sentido, as ideias iluministas foram combinadas aos valores e às concepções que já existiam na América, de tal forma que o *novo* e o *velho* se conduziram mutuamente. As histórias dos conquistadores, dos indígenas, as festas populares, as missas, as procissões, as crônicas religiosas, os textos de Bartolomé de Las Casas², o *Te Deum*, Montezuma, Atahualpa e as ações de Hernán Cortés e Francisco Pizarro faziam parte de um repertório de um arcabouço cultural conhecido e amplamente divulgado ao longo de várias gerações. Como afirmou o historiador Rafael Rojas: "*Leitores de Colombo, Cortés e Las Casas, de cronistas e evangelizadores das Índias, (...) los primeiros republicanos da América Hispânica olharam suas sociedades através do prisma daquelas leituras*" (ROJAS, 2009, p.22). Dessa forma, os jornais do período das independências evocaram essas referências e, assim, algumas narrativas do século XVI ganharam nova vida no XIX, em uma efetiva batalha pela memória, pelo uso do passado colonial e por projetos de futuro³. O historiador venezuelano Elías Pino Iturrieta⁴, ao analisar as páginas do *Correo del Orinoco*, destacou a necessidade de se estudarem os limites da influência ilustrada na América, na medida em que os jornais utilizavam, em seus escritos, uma série de acervos e patrimônios tradicionais (ITURRIETA, 1998, p.87).

² Os escritos do dominicano Bartolomé de Las Casas foram amplamente recuperados no contexto das independências. As denúncias do religioso, presentes na *Brevíssima Relação de Destruição das Índias*, publicadas em 1552, serviram como exemplos da violência e da ganância dos espanhóis. A chamada *legenda negra* também fez parte dos discursos presentes no jornal *Correo del Orinoco*. Interessante notar que Las Casas, um religioso, tenha sido chamado de *pensador e filósofo* em um contexto marcado pelas Luzes, pelos usos do passado e pela compreensão acerca da opinião pública.

³ Algumas abordagens teóricas de Reinhart Koselleck estruturam parte dessas análises. O momento presente, século XIX, resgata textos e imagens do século XVI, mas pensando em projetos para o futuro da América. Estamos no território das categorias *espaços de experiência e horizontes de expectativas*: "[...] em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro" (KOSELLECK, 2006, p.15).

⁴ O historiador venezuelano Elías Pino Iturrieta tem importantes obras a respeito da desconstrução da imagem de Simón Bolívar. Dentre esses estudos, podemos mencionar: *El divino Bolívar* (2003), *Esbozo Biográfico* (2015) e *Nada sino un hombre* (2016).

Conquista e Nova Conquista

O jornal *Correo del Orinoco*⁵, favorável à independência venezuelana, em seu terceiro número, publicou um extrato do periódico espanhol, o *La Gazeta de Madrid*. Nesse trecho, originalmente impresso na Europa no dia 29 de janeiro de 1818, foram publicados os relatos do tenente general Pablo Morillo, que havia sido enviado pelo rei Fernando VII com o objetivo de liderar uma *nova conquista* sobre a América, impedindo, assim, as independências. Os textos de Morillo haviam sido redigidos no ano de 1817, a partir do quartel general de Cumaná.

É bastante significativo perceber que o jornal angosturenho, em um primeiro momento, reconstruiu e recuperou as imagens da conquista do século XVI. Não se tratava de Cortés, mas de um *novo Cortés*: Pablo Morillo era um militar espanhol, sedento por sangue, marchando e destruindo novamente a América. Os relatos do próprio Morillo, por sua vez, também faziam referência às cenas da Conquista, mas de outra forma, exaltando-a como empresa religiosa e civilizadora.

Nesse sentido, tanto o soldado espanhol quanto o jornal *Correo del Orinoco* recorriam aos usos do passado, presentes, então, nos dois lados do conflito. Os espanhóis adotavam essas cenas para exaltarem os conquistadores e, ao mesmo tempo, reafirmarem o seu poder sobre a América no início do XIX. A elite *criolla*, por outro lado, publicava relatos semelhantes, na tentativa de recriar um cenário de novo “horror hispânico” para que, assim, os libertadores pudessem atuar. A conquista do século XVI justificava as ações dos espanhóis e dos *criollos* em pleno século XIX.

O periódico independentista reproduzia, com isso, imagens muito conhecidas na América. Havia reelaborações e a construção de memórias. Alguma coisa deveria ser lembrada: os mesmos espanhóis, as mesmas atrocidades, uma *nova conquista*. Segundo Pablo Morillo, o *novo conquistador espanhol*, na Venezuela: “[...] a desigualdade do terreno, as cercas e os currais das hortas e as árvores espessas, tudo

⁵O jornal *Correo del Orinoco* foi criado por ordens do próprio Simón Bolívar. Ele se localizava na cidade de Angostura, sede provisória das lutas pela independência. O periódico foi usado como arma para as campanhas de Bolívar, na medida em que outros jornais, como o *Gaceta de Caracas*, defendiam a coroa espanhola. Ao todo, a folha angosturenha teve 128 números que circularam entre junho de 1818 e março de 1822.

ocultava a nossa vista”; “[...] tivemos que atravessar uma montanha impossível e, ainda, abrindo com as espadas pequenos caminhos, cortando ramos e juncos, caminhamos por um penoso e difícil desfiladeiro”. A América era narrada ainda como a selva, a mata, a densa floresta, palco da barbárie: “[...] nossos soldados agrediram-lhes sempre, causando-lhes muitas perdas. Nesse momento, uma nuvem horrorosa descarregava sobre nós, e a abundância da água, que tornava quase impraticável o terreno, inutilizava quase todas as armas”; “[...] os fortes, as casas, tudo o que havia ali, foi destruído e arrasado”. A descrição da natureza antecipa a dos seus habitantes: “[...] eram homens ferozes e cruéis” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.3).

Em julho de 1818, o *Correo del Orinoco* divulgou um ofício do mesmo general Pablo Morillo dirigido ao ministro da guerra da Espanha, escrito no quartel de Santa Cruz de Mompo, na Colômbia. Nesse documento, era possível ler:

[...] já expressei os meus desejos a Vossa Excelência de mandar Missionários, agora acrescento a necessidade de mandar, igualmente, teólogos e advogados vindos da Espanha. Se o rei quer subjugar essas províncias, DEVEM SER TOMADAS AS MESMAS MEDIDAS QUE NO INÍCIO DA CONQUISTA!!!” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.5);

E também: “[...] eu quero somente fazer com que possamos *redobrar os nossos esforços* para assegurar o que conquistamos com muito trabalho. Com a ajuda da Providência Divina, pudemos suportar a fome e as privações de toda a espécie” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.5)⁶. A associação não poderia ser mais clara. As letras maiúsculas e as três exclamações estão presentes na impressão original. Para Pablo Morillo, espanhol, tratava-se de repetir o discurso de poder da coroa espanhola: militares, religiosos e juristas, o Estado, isto é, a estrutura de dominação. Para o jornal *Correo del Orinoco*, destacar esse ofício também tinha um significado, embora diverso: a crueldade da Espanha não havia sido alterada desde o século XVI.

⁶As letras maiúsculas e as exclamações estão na publicação original do jornal angosturenho, mas não é possível saber se estavam dessa forma no ofício de Morillo. O *Correo del Orinoco* afirmou, em nota, que a publicação foi feita primeiramente no jornal *Gazeta de Buenos Aires*, mas que naquele momento não estavam com o exemplar desse jornal em mãos.

Ao final do mesmo número, apareceu uma nota do editor do *Correo del Orinoco*, comentando esse ofício de Pablo Morillo: “[...] mas a Espanha, esquecendo-se de que o século de Fernando VII não é o de Carlos V, longe de satisfazer às nossas demandas, apenas respondeu com novos danos e novas arbitrariedades” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.5). Todas essas palavras, fidedignas ou não, na íntegra ou modificadas, foram publicadas pelo periódico *Correo del Orinoco* durante o ano de 1818 e, por isso, merecem adquirir importante significado.

Dentro do discurso independentista, presente no periódico de Angostura, existiu uma narrativa que seguiu a seguinte lógica: Pablo Morillo era um general espanhol que lutava em nome de um rei. Morillo, o *novo Cortés*, representava, então, a monarquia hispânica e os súditos fiéis da Igreja Católica. Esse general, habilidoso em armas, era capaz de realizar as maiores façanhas: atravessava desfiladeiros, enfrentava tempestades, matas fechadas e subia montanhas impossíveis. Junto aos seus homens, ultrapassou difíceis obstáculos naturais: chuvas torrenciais, selvas, ramos e juncos. Os inimigos eram os hispano-americanos incivilizados, bárbaros e selvagens, que formavam um bando de homens ferozes, cruéis e assassinos. Por fim, tudo seria (re)conquistado, destruído e arrasado, assim como em 1521 com o *antigo Cortés*. Além disso, Morillo havia solicitado a vinda de padres europeus à América. Dessa forma, estabelecida a (re)conquista territorial, iniciava-se, em seguida, reconquista espiritual, de acordo com a expressão de Robert Ricard (2013, p.61)⁷.

Ainda dentro dessa mesma lógica, o *Correo del Orinoco*, em abril de 1819, chegou a publicar um artigo chamado “*Continuación de las cartas interceptadas*”. Nessa sessão, foi tornada pública uma missiva de Pablo Morillo supostamente escrita para Sórora Ana Maria, presidenta do Convento da Conceição, na qual o autor, o general espanhol, teria afirmado:

⁷A “conquista espiritual” foi o início metódico e sistemático do projeto missionário catequético da Igreja Católica na América. O historiador, embora tenha destacado missões anteriores, colocou na de 1524 o início dessa catequese organizada de acordo com os padrões do Concílio de Trento. Os padres de 1524 vieram a pedido do próprio capitão Hernán Cortés: “Impossível estudar a história da evangelização do México sem dar o devido destaque às preocupações religiosas que ocuparam o tempo todo a alma do conquistador Cortés”. (RICARD, 2013, p.61).

[...] a Vila de São Fernando foi ocupada pelas tropas de Sua Majestade, de onde, sem nos determos, marchamos sobre o inimigo. Foram batizadas mais de cem crianças que ainda não tinham recebido esse Santo Sacramento [...]. Os capelães do exército exercem seu ministério espiritual, confessando pessoas que não se confessavam há anos, e a primeira Missa, que se deu ontem, foi assistida pela maior parte dos infelizes destas imediações com devoção exemplar (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.26).

Nesse fragmento, Morillo estabeleceu novamente conexões entre campanha militar e religiosa, como se os acontecimentos do século XIX estivessem terminando os projetos iniciados no XVI. Embora tenha sido enviada para as religiosas, essa carta de Morillo foi respondida e comentada pelo *Correo del Orinoco*. Em uma sessão reservada às “cartas dos leitores”, presentes em quatro edições seguintes, um pretense leitor chamado “*El Apereño*” escreveu ao redator do jornal:

Eu acrescentaria que Morillo, ou o seu escrevente, quando escreviam para as monjas tinham em mãos as descrições do tempo de Colombo, de Cortés e de Pizarro, a respeito da primeira vista que tiveram das cerimônias da missa, e esses relatos pareceram ter sido o modelo encaixado em sua atual correspondência (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.30).

O jornal *Correo del Orinoco*, de modo literal e direto, afirmou existir uma relação entre as crônicas do século XVI e o discurso realista do XIX. Afirmar isso era uma maneira de dizer que a Espanha ainda tratava a América como um território do além-mar, como parte de seu império. De acordo com esses fragmentos de Pablo Morillo, a Providência Divina atuava em favor dos espanhóis e, uma vez encerrado o domínio da região, ocorreria a vinda do Estado, das leis, das regras e da burocracia, representada pelas figuras dos teólogos e advogados. Eram “as mesmas medidas da conquista”, disse Morillo, de acordo com o *Correo del Orinoco*. Era preciso manter “o que conquistamos com muito trabalho e esforço”, segundo o militar espanhol.

De acordo com essa perspectiva, a história se repetiria: eram os mesmos espanhóis, as humilhações idênticas, mas uma nova derrota. Em várias edições e passagens, o *Correo del Orinoco* associou Morillo a uma *nova conquista* da América. Em janeiro de 1820, o periódico divulgou uma resposta contra uma manifestação negativa de Morillo à formação do Congresso Geral da Venezuela. Nessa réplica, disse o jornal de Angostura: “[...] Morillo, por acaso, também dirá que não são os

Cortes e os Pizarros os responsáveis que devem responder pelos milhares de índios destruídos por eles, mas sim os próprios índios que recusavam ser despojados de sua liberdade [...]” (CORREO DEL ORINOCO, 1820, n.50). De todos os personagens da Conquista, sem dúvida, Cortés e Pizarro foram os mais evocados. Para os espanhóis e para os *criollos* contrários à independência, esses dois homens eram símbolos do poder espanhol, da dominação, isto é, conquistadores capazes de fazer um continente ficar de joelhos. Por outro lado, para os *criollos* independentistas, eles eram a face mais cruel da presença espanhola na América.

Três meses depois, a folha angosturena, de modo crítico e profético, voltou a associar as atitudes de Morillo às “proezas” do século XVI: “[...] muitas vezes se disse que a conquista da América havia despovoado e arruinado a Espanha: o que pode se assegurar é que a tentativa de uma *nova conquista* acabará infalivelmente com a obra da primeira” (CORREO DEL ORINOCO, 1820, n.59). Em junho de 1820, foi feita mais uma vez a associação entre as duas conquistas: “[...] essa horrível carnificina traz à nossa memória as matanças dos mexicas pelos soldados de Cortés quando esses os convidaram às suas festas públicas [...]” (CORREO DEL ORINOCO, 1820, n.66). A aproximação entre as duas conquistas retornou novamente em setembro de 1820: “[...] Morillo havia começado a trabalhar como os primeiros conquistadores: seguiu as suas pegadas, e estaria à frente deles, se tivesse se deparado com aqueles índios indefesos” (CORREO DEL ORINOCO, 1820, n.81).

Os *criollos* favoráveis à independência, a partir das páginas do *Correo del Orinoco*, se colocavam ao lado dos indígenas, pois ambos foram e eram vítimas da violência espanhola. O uso do passado, assim, além de carregar um tom de denúncia era também a tentativa de se criar certa unidade frente às ações da Espanha, principalmente em um momento em que as lideranças estavam ainda muito divididas.

Em diversos documentos de Simón Bolívar, a proximidade com a conquista espanhola do XVI também pode ser vista. Em carta a Juan Martín Pueyrredón, supremo diretor das Províncias Unidas do Rio da Prata, disse Bolívar, em junho de 1818, ao elogiar a região e as lutas que ali foram travadas pela emancipação: “[...] desse povo que é a glória do hemisfério de Colombo, o sepulcro dos tiranos e dos

conquistadores, o baluarte da independência americana” (BOLÍVAR, 1921, p. 451)⁸. Já em junho de 1822, no último ano de existência do *Correo del Orinoco*, Bolívar escreveu ao bispo de Popayán, Salvador Jiménez, do quartel de San Juan de Pasto, na atual Colômbia:

[...] a História, que ensina todas as coisas, oferece maravilhosos exemplos da grande veneração que inspirou, em todos os tempos, os homens fortes que, sobrepondo-se a todos os riscos, mantiveram a dignidade de seu caráter diante dos mais ferozes *conquistadores*, mesmo pisando os umbrais do templo da morte (BOLÍVAR, 1921, p. 408)⁹.

Mesmo algum tempo depois, Bolívar continuou a relacionar as ações espanholas do século XIX à conquista do XVI. Quando escreveu em Trujillo ao general Mariano Montilla, em dezembro de 1823, afirmou:

[...] somente as tropas da Colômbia não foram ainda batidas e, por isso mesmo, devemos conservá-las invictas para a nossa glória e para a nossa liberdade; mas isso não será possível atingir se você não enviar alguns veteranos capazes de destruir os *Almagros* e os *Pizarros* que *novamente* invadiram o Peru (BOLÍVAR, 1921, p. 93)¹⁰.

A história, então, servia como mestra, como exemplo e inspiração. Nesse fragmento, em vez de mencionar Hernán Cortés, Bolívar citou Diego Almagro, na medida em que escrevia de Trujillo, no Peru, local em que Almagro foi bastante atuante, ao lado de Francisco Pizarro, durante as conquistas do século XVI. Esse cuidado textual, o de não citar Cortés em um texto sobre o Peru, parece mostrar um conhecimento de Bolívar a respeito das histórias dos conquistadores. Tudo indica que ele sabia perfeitamente sobre quem escrevia e, sobretudo, para quem escrevia. Ao narrar a independência e, com isso, exaltar personagens históricos do passado, Bolívar automaticamente se colocava como parte desse panteão. Fabiana de Souza Fredrigo, em estudo sobre as escritas do general venezuelano e sobre a construção da *memória da indispensabilidade*, mencionou: “[...] Bolívar, por meio de seu epistolário, participou da sua escolha para herói representativo de uma história que extrapola as

⁸Grifo nosso.

⁹Grifo nosso.

¹⁰Grifo nosso.

fronteiras nacionais. Em outras palavras: o ator histórico colaborou para a construção de seu culto" (FREDRIGO, 2010, p.108).

Um mês depois, em janeiro de 1824, Bolívar escreveu a Francisco de Paula Santander da cidade de Pativilca, também no Peru, sugerindo ao estadista granadino: “[...] devemos dobrar os nossos esforços militares para não sucumbirmos diante desses malditos espanhóis *reconquistadores*” (BOLÍVAR, 1921, p. 139). Dessa forma, ao destacar um terrível episódio do passado, Bolívar também valorizava as suas ações no presente, na medida em que se colocava como aquele que seria capaz de impedir uma *nova conquista* da América, salvando-a dos espanhóis: “[...] as qualidades que atribui aos heróis, na realidade, eram qualidades que esperava de seus companheiros de armas e, mais, eram qualidades que Bolívar não tinha dúvidas de possuir” (FREDRIGO, 2010, p.109). Germán Carrera Damas, em clássico estudo a respeito do culto a Bolívar, afirmou algo a respeito desse tipo de narrativa: “A necessidade de salvação [já que se tratava de uma nova conquista] dá muita força para as posturas personalistas” (DAMAS, 1969, p.125). Assim, ainda de acordo com Damas, a história das independências seria uma sucessão de redenções sendo que, em cada uma delas, se decretaria o fim de um passado obscuro e se anunciaria o advento de uma nova era, marcada pelas luzes e, sobretudo, pelo progresso. Elías José Paltí, ao analisar a cultura política hispano-americana, concluiu que:

“A geração da independência construiu uma exitosa imagem histórica do governo despótico espanhol ao longo de três séculos, supostamente responsável pelos males denunciados por Bolívar, apesar da realidade ter sido bem diferente: até Carlos III, os *criollos* tiveram mais poder do que os peninsulares e, portanto, o tal chamado ‘despotismo’ foi, na realidade, apenas a experiência da última geração colonial”. (PALTÍ, 2010, p.55)

Apesar dessas constantes associações discursivas entre as duas conquistas, havia uma grande diferença entre os dois eventos: os possíveis vencidos do século XIX não seriam os indígenas do passado, mas a elite *criolla*. Narrar um insucesso, que séculos atrás ocorrera, não era o mesmo que viver um possível desastre no presente. Assim, lembrar os acontecimentos do século XVI era uma forma de evitar perdas reais e concretas no XIX. Era como se os *criollos* se perguntassem: seremos

humilhados e massacrados como foram os nativos? A história deveria servir como lição e, por isso, o jornal de Angostura publicava os ofícios de Morillo, os quais serviriam como alerta e, ao mesmo tempo, como motivação para que ocorresse uma união de toda a América Hispânica pela causa *criolla*. É importante ressaltar que a narrativa de que houve uma *conquista*, no século XVI, e de que haveria uma *nova conquista*, no XIX, transformava os espanhóis em inimigos de *todo* o continente, dado que desde a derrota de Tenochtitlán, em 1521, os espanhóis avançaram por todo o território americano. A causa *criolla*, assim, passava a ser a causa de toda a América.

A aproximação entre as narrativas das independências e alguns relatos dos conquistadores também se dava na forma de se narrar o soldado, o militar, as peripécias e a presença de Deus durante as campanhas. Os textos de Hernán Cortés tinham uma estrutura muito semelhante aos atribuídos a Pablo Morillo pelo *Correo del Orinoco*, como vemos nestes excertos:

[...] e depois de ter andado quatro léguas, subindo uma montanha, dois cavaleiros que estavam à minha frente viram alguns indígenas e eles, então, começaram a dar facadas e lutaram contra nós, com muita ferocidade e ânimo. Mas nós causamos muitos danos a eles (CORTÉS, 2003, p.97).

Cortés ainda afirmou em suas cartas: “[...] e parece até que Deus lutou por nós [...]. Eu os animava e disse-lhes que Deus estava do nosso lado e que para Ele nada é impossível” (CORTÉS, 2003, p.102). Ademais, o capitão espanhol comentou, a respeito da vinda de missionários para a catequese: “[...] e a maneira que a mim, nesse caso, me parece que se deve agir, é que Vossa Majestade mande vir a estas partes muitos religiosos, como já disse, e que sejam zelosos com a finalidade de converter estes povos” (CORTÉS, 2003, p.319). Bernal Díaz del Castillo, soldado de Cortés, afirmou algo semelhante alguns anos depois: “[...] havíamos escrito a Sua Majestade suplicando-lhe que nos enviasse religiosos franciscanos [...] para que nos ajudassem na conversão dos naturais desta terra [...]” (CASTILLO, 2007, p.543).

Além das referências aos soldados e à religiosidade missionária, o jornal independentista também associou outras imagens que faziam menção ao poder da coroa espanhola e de que modo ele era exercido. No número 17 do *Correo del*

Orinoco, de fevereiro de 1819, foi publicado um trecho que expunha os desejos atribuídos ao rei Fernando VII no que se referia à tentativa de ocupar outra vez a América e aos sucessos iniciais das tropas de Pablo Morillo. O fragmento, sem título e sem autoria, foi retirado e traduzido pelo próprio jornal de Angostura, da *Gazeta de Baltimore*, de Maryland, Estados Unidos:

[...] poderia Fernando ter acrescentado o seguinte: “o meu sistema colonial está admiravelmente calculado para perpetuar a humilhante escravidão da América, os meus terríveis inquisidores e togados semearam de tal sorte as sementes da ignorância, do fanatismo, da superstição, que os meus vassalos da América logo se tornaram menos do que brutos. [...] Eu restabelecerei as minhas antigas ordenanças de monopólio e contrabando [...] Eu farei com que a Inquisição declare herético todo comércio com estrangeiros [...] Esses são os meus planos, ditados por um zelo verdadeiramente católico” (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.17).

Nesse fragmento, foram mencionadas várias instituições e inúmeros instrumentos ligados ao exercício do poder da Espanha monárquica: o sistema colonial, o monopólio, as leis, a escravidão, o Tribunal da Inquisição, a Igreja e o fanatismo religioso. Na semana seguinte, o jornal venezuelano transcreveu um curto fragmento da *Gazeta de Bahamas*, o qual pertencia à fala de um deputado de Nova Granada, pronunciada três meses antes, em novembro de 1818: “[...] neste estado de coisas, restabelecido Fernando ao trono, dirigiu todos os seus esforços à subjugação do país, sem deter-se a examinar a causa de suas queixas [dos *criollos*]. Os americanos do século XIX têm sido tratados como os índios do XVI” (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.18). Palavras como “escravidão”, “humilhação” e “subjugação”, nesse contexto, assumem uma característica que pede “ação”. Era preciso agir para que as atrocidades da Conquista não se repetissem nos Oitocentos.

Dessa forma, o periódico recriava o terrível cenário para a *nova conquista*, tão agressiva e brutal quanto a anterior. Os episódios narrados e recuperados do século XVI ganhavam muita relevância no XIX, pois eram difundidos em um contexto de grandes dúvidas e derrotas significativas sofridas pelos emancipacionistas e, sobretudo, pelos *criollos* aliados de Bolívar. Naquele momento, não se tinha certeza alguma do sucesso; ao contrário, havia indícios de que a Espanha pudesse vencer devido aos êxitos militares espanhóis no início dos conflitos e ao fato de os *criollos*

apresentarem muitas fraturas internas. Simón Bolívar, entre os anos de 1818 e 1819, estava longe de ser aceito por unanimidade, pois era questionado por outros líderes e responsabilizado por uma série de derrotas. Ainda não existia o *Libertador*, mas somente alguns *libertadores*, rivais entre si, e repletos de inseguranças.

Pablo Morillo era, então, o *Cortés renascido* e a América era, mais uma vez, invadida por um *outro conquistador*. Era preciso, por isso, reagir: na escrita, nos discursos e nos campos de batalha. O *Correo del Orinoco* e a construção da figura do Libertador assumiriam papéis importantes para edificar essa reação.

Em artigo sem título nem autor publicado na *Gazeta de Buenos Aires* em abril de 1818, sobre as comemorações no rio da Prata por vitórias obtidas contra os espanhóis, era possível ler uma curiosa inversão:

[...] é necessário ver todo o povo em alvoroço parabenizando-se – passear pelas ruas cheias de cidadãos que fazem ressoar o ar com seus gritos mil vezes repetidos de “VIVA À PÁTRIA” – presenciar o delírio da alegria que reina, escutar cada um gritando e repetindo *Somos Conquistadores!* – para formar-se uma ideia do entusiasmo geral que inspirou essa notícia (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.9)¹¹.

Os conquistadores, historicamente, não eram os espanhóis? Diante disso, não deixa de ser surpreendente que os hispano-americanos, nesse fragmento, e de modo inverso, enunciassem: “*Somos Conquistadores*”. Por algum motivo, parece ter havido a necessidade de se dizer isso e, por parte do *Correo del Orinoco*, um objetivo ao reproduzir esse mesmo artigo. Afirmar que se *é* o que o *outro* foi, mesmo que esse *outro* tenha me dominado, expressa uma atitude de reparação, em que ressentimentos históricos e vinganças se cruzam. Para Maria Rita Kehl, “[...] o ressentido não é alguém incapaz de esquecer ou de perdoar; é alguém que não quer se esquecer, ou que *quer não se esquecer* [...]” (KEHL, 2004, p.12). A revanche, por sua vez, surge da incapacidade de reagir ao agravo: “[...] o derrotado só se torna um ressentido quando ele deixa de se identificar como derrotado e passa a se identificar como vítima, sobretudo como a vítima inocente de um vencedor [...]” (KEHL, 2004, p.19). Dessa forma, por trás da afirmação “*somos conquistadores*”, existia uma inversão feita pela

¹¹Grifo do original.

elite hispano-americana. Essa inversão assumiu um tom reparatório, como se, finalmente, a justiça fosse feita. Alguns membros da elite *criolla* não se narravam mais como se fossem os ameríndios subjugados pelos espanhóis, mas como *cidadãos* que (re)tomaram, naquele momento, um território europeu. Além dessa troca de ordem, existiu também uma equiparação ao espírito guerreiro e dominador dos ibéricos, como se os hispano-americanos bradassem: “Não somos menos!”.

Dos libertadores ao “Libertador”

À medida em que as vitórias militares foram surgindo, a figura do Libertador também fora aparecendo. Nas primeiras 20 edições do *Correo del Orinoco*, os seguintes termos foram adotados em abundância: *ejército libertador*, *libertadores*, *tropas libertadoras* e *orden dos libertadores*. As expressões estavam quase sempre no plural, indicando grupos ou coletividades. Eram, portanto, numerosos os protagonistas que moviam os conflitos da independência. No entanto, a partir de 1819, o termo “Libertador”, no singular, começou a aparecer no jornal. Javier Fernández Sebastián afirmou que essa alteração ocorreu com várias palavras. Muitos termos, inicialmente usados no plural, passaram a se constituir como “singulares coletivos”, sendo, então, escritos em letra maiúscula e no singular: a *Constituição*, o *Povo*, a *Nação*, a *Pátria*, a *América*. Da mesma forma, tivemos a passagem do termo *os libertadores* para o *Libertador* (SEBASTIÁN, 2009, p.30).

No entanto, vale observar que existe uma diferença significativa entre o título e o conceito de Libertador. O *título* existia desde 1813; era uma denominação honorífica, concedida por políticos, em sessão oficial para celebrar vitórias militares. Essa designação, naturalmente, conferia a Bolívar honra, fama e prestígio. Por outro lado, o *conceito* de Libertador foi elaborado de forma mais lenta, em contextos específicos, principalmente após 1818. A categoria “Libertador” era uma noção abstrata que designava as propriedades e as características de um conjunto de valores e tradições culturais. Esse conceito foi construído em um cenário bastante complexo, em que diversas situações e referências temporais se cruzavam. Os conceitos passariam a ser algo como ‘concentrados de experiências históricas’ e, ao mesmo

tempo, “[...] dispositivos de antecipação de experiências possíveis” (SEBASTIÁN, 2009, p.23). De que forma esse emaranhado de caminhos foi concebido? Como a emancipação passou a ser o resultado da atitude de *um* homem e não mais de um grupo de indivíduos? Em que momento ela deixou de ser plural?

As derrotas militares, ocorridas entre 1817 e 1818, geraram desconfianças a respeito de Bolívar. Ele seria capaz de liderar e tinha, de fato, atributos militares? Os seus homens confiavam, às cegas, nele? Existiam outros líderes *criollos* mais aptos? Bolívar seria, então, dispensável? Além dessas dúvidas, o general espanhol Pablo Morillo alcançara recentes vitórias militares na América, pelo menos desde 1815, e muitos hispano-americanos haviam lutado ao seu lado, defendendo a coroa espanhola.

Diante disso, as populações das vilas e cidades, os habitantes das planícies (os *llaneros*), os indígenas e os escravizados questionavam-se sobre quem seria menos violento, isto é, os espanhóis ou os *criollos* emancipacionistas. Quem apoiar? Qual dos dois lados poderia garantir maiores ganhos e oferecer melhores negociações para se conseguir alguns privilégios, terras ou direitos sociais? Quem estaria mais disposto a negociar, os *criollos* emancipacionistas ou os espanhóis e os *criollos* realistas? Quem era, de fato, patriota? Somavam-se a isso os ataques sofridos por Bolívar feitos pelo periódico realista, e rival do *Correo del Orinoco*, a *Gaceta de Caracas*.

Publicada todas as quartas-feiras, a gazeta caraquenha não perdoava as ações dos *criollos* rebeldes. Um dos grandes críticos de Simón Bolívar foi o periodista venezuelano, formado em Filosofia e Medicina, José Domingo Díaz. Ele foi secretário particular do general Pablo Morillo e responsável pelo jornal realista, editando matérias que apoiavam a coroa espanhola e o poder de Fernando VII. Na *Gaceta de Caracas*, Bolívar foi insultado das mais diversas formas. Ele era chamado de “Bolívar, o Traidor”; “o Mentiroso que ousou se chamar de Libertador”; “nosso cômico Simón!”; “Pantomimo”, ou seja, aquele que gesticula; “pobre Simón” e, ironicamente, de “nosso Supremo”. O jornal realista não economizava ofensas: o “desumano”, o “covarde”, o “bárbaro”, o “sacrílego”, o “insensato”, o “tirano”, o “déspota”. Em vez de herói libertador, a *Gaceta de Caracas* sugeria que Bolívar era um insano, um inventor de calúnias e um “delirante”, “assassino sanguinário”; e que

somente se guiava pela busca pessoal, pela glória e pelo poder, como se vê em texto de setembro de 1818: “[...] perfídia, crueldade e demais vícios atrozes são algumas características de Bolívar” (GACETA DE CARACAS, 1818, n.206)¹².

Em seguida, foram insultados, igualmente, os *criollos* que apoiavam o general venezuelano: “[...] mas nada é estranho nos fatos e nas condutas dessa *raça* funesta de malvados. Seu objetivo é somente o seu próprio interesse, e nada lhe parece bom, a não ser o que lhe importa e lhe convém” (GACETA DE CARACAS, 1818, n.207)¹³. Os europeus, e os *criollos* que apoiavam os espanhóis, com isso, pertenceriam a uma *raça superior*. Falar em raças era uma forma de atualizar os discursos, em um diálogo com as teorias em voga na Europa do XIX, mas, ao mesmo tempo, mantendo a vigência das antigas ideias de diferenciação social, baseadas nas origens, nas linhagens e no sangue, tão presentes na América desde o século XVI. A diferença ganhava novas roupagens.

Pelo fato de ser um jornal realista, a *Gaceta* defendia os anos de colonização em vários dos seus textos. Em março de 1819, lia-se que: “[...] a Espanha em três séculos fez na América melhoras de três mil anos” (GACETA DE CARACAS, 1819, n.240). Para a coroa, a *nação* era o império espanhol e os *patriotas* eram aqueles que defendiam o monarca e os ganhos civilizacionais trazidos para a América: “[...] a todos nós convêm a união e a fraternidade nacionais: glorifiquemos todos por pertencerem a essa mãe pátria que descobriu a América três séculos atrás e que, com sacrifícios, a povoou, civilizou e a melhorou como pôde” (GACETA DE CARACAS, 1818, n.220). A *Gaceta de Caracas*, dessa forma, trabalhava com uma memória específica a respeito dos tempos da Conquista e, ao mesmo tempo, disputava os conceitos de pátria e nação, embora o olhar estivesse voltado ao futuro.

O *Correo del Orinoco* e a *Gaceta de Caracas*, dessa forma, disputavam os sentidos e os usos do passado. O período de trezentos anos entre a Conquista e a

¹²A forma de se narrar Simón Bolívar, na *Gaceta de Caracas*, revelava o olhar espanhol sobre Bolívar. Essa tradição apareceria, anos depois, em biografias, como no texto do historiador espanhol Salvador de Madariaga, *Bolívar*, publicada em 1951 e dividida em dois tomos. Por outro lado, a visão positiva sobre o general venezuelano, presente no *Correo del Orinoco*, também permaneceria viva em diversos estudos, como em *Visión y Revisión de Bolívar*, de 1976, do venezuelano José Luis Salcedo-Bastardo.

¹³Grifo nosso.

independência foi marcado pelo terror e pela dominação ou teria sido quando a Europa civilizou a América? O *patriota* era o que deveria defender a monarquia espanhola ou a América independente? A *nação* era a Espanha ou a América? De acordo com a *Gaceta*, patriota era aquele que, nascido na Europa ou na América, identificava-se apenas com *uma nação*, pois somente existiria a espanhola:

Os verdadeiros patriotas são os chefes, leais vassalos do Rei Nosso Senhor, amantes de sua pátria, do governo e das leis; que as respeitam e as obedecem como próprias para formar a felicidade de seu país [...]. Os que separados desses princípios têm fomentado a discórdia, a guerra civil, assolando este país e enchendo de luto as famílias, fazendo um vasto cemitério deste fértil solo, não são e nem podem ser patriotas (GACETA DE CARACAS, 1818, n.209).

A imagem de Simón Bolívar também fazia parte dessas disputas. Do lado realista, na *Gaceta*, Bolívar foi retratado como desordeiro anárquico, de postura raivosa, quimérica e enganadora. Ao comparar Pablo Morillo ao general venezuelano, o jornal afirmou que o primeiro deles respeitava “religiosamente” as ordens do rei Fernando VII e que isso era muito

[...] diferente de nosso *Supremo* que agia sem depender de ninguém, a não ser de seu próprio capricho e ignorância. A Venezuela não lhe devia mais do que a imolação, a desolação e as ruínas; e, ainda que muitos o estimem como ousado empreendedor, o melhor seria dizer tratar-se de um *frenético sacrificador* [...] (GACETA DE CARACAS, 1819, n.245).

O jornal realista, de certa forma, tentava, a partir de seu ponto de vista, desmascarar Simón Bolívar. Ao dizer que ele agia pelo seu *próprio capricho*, deslegitimava os projetos de independência como algo coletivo, transformando Bolívar em um aproveitador. Os dois jornais trocavam acusações e, muitas vezes, uma publicação era uma resposta ao que o outro tinha publicado anteriormente. Na feliz expressão de Fabiana de Souza Fredrigo, ao analisar a troca de cartas entre Bolívar e Santander, a independência também se fez a partir de uma *guerra de papéis*: “[...] ao optar-se pela separação e pela guerra, era necessário reconstruir não apenas territórios e fronteiras, mas projetos e símbolos” (FREDRIGO, 2017, p.27). Isto é, era preciso criar heróis, inimigos, estabelecer vínculos, alianças, em um processo de constante reconstrução, redescoberta e refundação. Para quem viveu o processo das

independências, a ânsia por inaugurar novos tempos, ou por manter os antigos, era imensa.

No entanto, isso não poderia ser feito sem a recriação do passado. Era necessário reavaliar o peso da Conquista e da colônia nas memórias espanhola e americana. Essa mesma ideia havia sido trabalhada por Mary Louise Pratt, em seu clássico estudo a respeito das zonas de contato e da transculturação. Sobre os discursos das independências, ela afirmou: o que ocorreu foram verdadeiras “[...] relações de representação e imaginação. A Europa teve de reimaginar a América e a América, por sua vez, a Europa. A reinvenção da América, portanto, foi um processo transatlântico que envolveu as energias e imaginações de intelectuais e de um vasto público leitor em ambos os hemisférios” (PRATT, 1999, p.197).

Nesse sentido, dentro dessa lógica de guerras narrativas, e voltando às disputas entre os periódicos, José Domingo Díaz escreveu um longo artigo sobre o general venezuelano respondendo os diversos textos em que o *Correo del Orinoco* proferiu elogios a Bolívar. A *Gaceta de Caracas* chamava o periódico de Angostura de mentiroso e a respeito de Bolívar disse o seguinte:

Eu chamo de *cruel* o homem que te escraviza. Centenas de homens honrados e pacíficos foram degolados friamente por suas ordens. Tantas viúvas reduzidas à mendicância. Tantos órfãos que deixaram de ser as esperanças da nossa pátria. Tantos fatos horríveis que ele, longe de negar, publica como virtudes. Eu o chamo de *ambicioso*. Que nome eu deveria dar aos seus projetos e àquela insaciável ânsia de autoridade? Eu o chamo de *sacrílego*, a respeito do roubo escandaloso dos objetos sagrados das igrejas. Eu o chamo de *tirano*. Cada passo de sua vida criminosa, cada um de seus projetos é um ato de tirania. Seus planos de usurpação, seus decretos de opressão e destruição, não semearão nada a não ser a mais cruel e escandalosa tirania. Eu o chamo de *orgulhoso*. Ele foi, é, e sempre será. Por fim, eu o chamo de *insensato*. Ele perde voluntariamente a sua tranquilidade. Ele busca aventuras, se expõe aos perigos, sofre misérias e contradições, passa dias em agitações por bens fingidos. Isso é uma insensatez estranha (GACETA DE CARACAS, 1819, n.244)¹⁴.

Os dois jornais acusavam-se de divulgar calúnias, colocando-se, cada um, como o portador da verdade. De acordo com a *Gaceta de Caracas*, Bolívar não era aprovado pelos seus próprios soldados: “[...] a popularidade de Bolívar está em

¹⁴Grifo do original.

decadência e pensamos que Páez será o seu sucessor. As tropas do Rei aproveitam-se dessa desunião” (GACETA DE CARACAS, 1818, n.208). O general venezuelano era caracterizado como um homem cruel, ambicioso, tirano, orgulhoso e, acima de tudo, desequilibrado. Ele era um enganador de plateias. Nesse fragmento do jornal realista, é bastante significativa a menção a José Antonio Páez, isto é, existiam *outros libertadores*, outras lideranças e outros generais *criollos* igualmente temidos pelos espanhóis ou, pelo menos, dignos de nota. Nos seus discursos, de acordo com a gazeta caraquenha, Bolívar incutia falsas esperanças e prometia avanços irreais à sociedade. Passados dois dias após o Congresso de Angostura, o jornal de Caracas alegou que: “[...] o entusiasmo da liberdade desregrada alimenta-se de ficções e, a rebelião, de calúnias e grosserias; a raiva, o ódio e a maldade sempre foram as armas favoritas dos países sublevados. Mas a América é o lugar da imaginação” (GACETA DE CARACAS, 1819, n.235).

Um dia após a Batalha de Boyacá, em 8 de agosto de 1819, a *Gaceta de Caracas* imprimiu uma edição extraordinária no domingo. Em vez de se reportar à derrota realista, o periódico expôs um ofício do quartel general de Calabozo, celebrando uma vitória dos espanhóis, a “Batalha de Barinas”, ocorrida na Venezuela, um mês antes, em 22 de julho de 1819: “Todos os nossos oficiais foram feridos. O valor desses soldados é heroico”. O inimigo fugiu com o os seus restos [...]” (GACETA EXTRAORDINARIA DE CARACAS, 1819, n.261). No entanto, dias depois, em 25 de agosto, o jornal realista finalmente noticiou: “[...] soube-se que, na Venezuela, o sedicioso Simón Bolívar, nascido nela para ser a causa de todos os seus males, acabou de anunciar à Europa a instalação de um Congresso Geral [...]” (GACETA DE CARACAS, 1819, n.265); “[...] um punhado de homens conhecidos pelos seus vícios perturbou a obra de *trezentos anos* diante de uma multidão assombrada, [...] que foi a vítima do terror, da audácia e da surpresa” (GACETA DE CARACAS, 1818, n.265)¹⁵. Para a *Gaceta de Caracas*, a América havia sido feliz durante os trezentos anos de domínio espanhol. Com relação aos povos e a Bolívar,

¹⁵Grifo nosso.

afirmou: “[...] a multidão ignorante, incauta, aturdida e ainda inocente seguia sem deliberação o audaz traidor que a bajulava” (GACETA DE CARACAS, 1819, n.265). Embora realistas e *criollos* emancipacionistas fossem inimigos, concordavam a respeito da ignorância dos povos, crendo que precisavam ser guiados. *Criollos* e realistas, portanto, não discutiam, de fato, a liberdade como valor, mas as melhores formas de se dominar as multidões desenfreadas.

A ideia de inversão como retórica da alteridade, estudada por François Hartog (HARTOG, 1999), também pode ser aplicada a esses escritos. O *outro* se tornava o *anti-eu*. Se Bolívar era insano, traidor e desumano, então o rei espanhol e Pablo Morillo eram sensatos, legítimos e piedosos. E, como a América foi civilizada graças à presença europeia, então o continente, livre dessa influência, seria novamente bárbaro e selvagem. Ademais, como Bolívar era narrado como um sonhador, cheio de ilusões e delírios, a coroa espanhola, por oposição, forneceria aos seus súditos a mais pura realidade racional. Da mesma forma, se os emancipacionistas eram jogadores, ladrões, gente perigosa e que pertencia, portanto, a uma *raça inferior*, por oposição, naturalmente, os espanhóis eram os “bem-nascidos”, superiores racialmente. Nessa guerra de papéis, o principal caminho parecia ser o ataque. Esses dois jornais colaboraram, em uma relação dialógica, para a construção um do outro, bem como para a elaboração da imagem do Libertador. Quanto mais Bolívar se narrava e era narrado como herói, principalmente pelo *Correo del Orinoco*, mais a *Gaceta de Caracas* o refutava, ao passo que o inverso também ocorria: quanto mais o jornal de Caracas o atacava mais Bolívar se representava e era construído como herói.

Nesse sentido, a categoria do Libertador foi uma resposta a todas essas variáveis, que coexistiram e atuaram conjuntamente. À proporção que Simón Bolívar obtinha vitórias militares, o conceito de Libertador também ganhava forma. Bolívar passou a ser descrito, por setores da elite *criolla*, como homem justo, companheiro e próximo dos soldados, distribuidor de títulos e terras aos seus combatentes, favorável à abolição da escravatura. Assim como Pablo Morillo, o general venezuelano se estruturou como um conquistador invertido. As missivas cortesianas, usadas para representar Morillo, também serviram à criação da figura heroica de Bolívar. No

entanto, o último era moralmente o inverso, o defensor da liberdade, contrário às atrocidades cometidas pelos europeus na América, além de ser um ilustrado. O *Correo del Orinoco*, a partir de dezembro de 1819, passou a empregar o termo “Libertador” como substantivo ou adjetivo, associando-o a expressões como “Imortal”, “Herói”, “Ilustre” e “Presidente”, mas sempre para se referir a Bolívar. Aliás, em janeiro do ano seguinte, descreveu a entrada de Bolívar em Angostura desta maneira:

[...] o povo não pode conter o entusiasmo ao ver o Libertador de seu país e de Nova Granada; prescindindo de todo cerimonial precipitou-se a recebê-lo com vivas e aclamações repetidas, conduzindo-o em seus braços, em triunfo, proclamando-o Libertador e Pai da Pátria. Destruidor da opressão e Vencedor da tirania [...] (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.46).

Em seguida, na mesma matéria, era possível ler:

[...] que Povo, sensível à glória e à liberdade, não se encheria de entusiasmo ao ver o Herói que por uma rápida série de prodígios não apenas lhe deixou assegurada a Independência como também a de Nova Granada e todo este imenso Continente? [...] que Povo não há de se encher desse entusiasmo sublime que inspira a presença de um grande homem, consagrado ao serviço de seu país e amante da humanidade? Venezuela e Nova Granada se honrariam sempre, pronunciando com admiração o nome de seu LIBERTADOR SIMÓN BOLÍVAR (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.46)¹⁶.

O heroísmo de Bolívar começou a aparecer, principalmente, entre a segunda metade de 1818 e o início de 1820. Em um comunicado oficial escrito por ele, intitulado “*A los pueblos de Venezuela*”, de outubro de 1818, justificava, alusivamente, que fosse chamado de “chefe supremo” e “capitão geral”: “[...] não é por uma vã ostentação, nem para fazer minha apologia que falarei de mim: eu os tenho servido e os devo conta de minha conduta” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.14). Nesse mesmo documento, acrescentou:

Eu que temia a tirania mais do que a morte, abandonei as praias da Venezuela e fui buscar a guerra que se fazia em Nova Granada, como o único alívio às dores de meu coração. O Céu ouviu meus pedidos e gemidos [...]. Em seguida, marchei à Cúcuta e ali a vitória se decidiu. Eu

¹⁶Grifo do original.

marchei à Nova Granada. [...]. Eu busquei asilo em uma ilha estrangeira e fui à Jamaica, sozinho, sem recursos e quase sem esperanças [...] formei uma expedição de trezentos homens, comparáveis em valor, patriotismo e virtude aos companheiros de Leônidas. Trezentos patriotas destruíram dez mil tiranos europeus, e eu consegui! (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.14).

O modelo narrativo do conquistador, presente na representação de Pablo Morillo, também serviu para elaborar a imagem de Bolívar. Assim como fazia Hernán Cortés, o general venezuelano escrevia na primeira pessoa do singular: “eu marchei”, “eu busquei”, “eu formei” e atribuía as manobras do exército libertador a ele próprio, como se fosse o único responsável pelos triunfos militares. Dessa forma, parecia possuir uma consciência plena dos eventos e, mais que isso, um papel significativo como principal, senão único, agente histórico. Como nos lembra Maria Lígia Prado, a respeito dos escritos do próprio Bolívar: “apoiado na história, construía pares opostos em que o passado, dominado pela tirania espanhola, contrapunha-se ao futuro, em que reinaria a liberdade” (PRADO, 1999, p.54). Essa mesma postura discursiva se repetiu em uma carta enviada para Antonio Zea em 1819:

Em seis jornadas, cumpri o trajeto de Santa Fé [...] Tive que me deter em alguns lugares mais do que eu pensava [...] da minha saída até aqui, vim em triunfo. Não há testemunho de gratidão, de amor e de confiança que não tenham me dado esses povos [...] Os arcos triunfais, as flores, as aclamações, os hinos, as coroas ofertadas e postas sobre a minha cabeça pelas mãos de belas jovens, os festins e mil demonstrações de contentamento são os menores dos presentes que tenho recebido; o maior e o mais agradecido pelo meu coração são as lágrimas mescladas com a alegria com que fui coberto [...] (BOLÍVAR, 1964, p.208).

Comparemos ao que discorrera Hernán Cortés no século XVI: “[...] eu lhes disse que todos eram obrigados a servir Vossa Majestade e todos pareceram me receber com muito contentamento”; “[...] contaram-se sobre os trabalhos que em minha ausência tinham sofrido, os maus tratamentos que tinham recebido, e isso quebrava o meu coração [...]” (CORTÉS, 2003, p.422 e 480); “[...] depois de conhecida a vitória que Deus quis nos dar”; “[...] e seguindo a vitória que Deus nos dava”; “[...] agradeço a Nosso Senhor por ter nos dado uma maior e melhor vitória do que eu havia pedido” (CORTÉS, 2003, p.65 e 212); “[...] e, passando por eles, eu os provoquei muitas lágrimas”; “[...] eu fui por muitas jornadas até chegar ao porto”

(CORTÉS, 2003, p.252 e 283); “[...] não havia entre nós quem não estivesse sem esperança de socorro”; “[...] eu lhes disse que queria vinte e cinco cavalos e trezentos homens” (CORTÉS, 2003, p.383 e 192); “[...] para os treze bergantins com que eu havia de entrar pela lagoa, usei trezentos homens” (CORTÉS, 2003, p.210).

A partir disso, é possível pensar que os textos cortesianos foram modelos para a construção do Libertador, dado que Bolívar realçava, igualmente, os valores militares, ou seja, a honra, a glória, o triunfo, as vitórias, as manobras das tropas, dos cavalos e as dificuldades enfrentadas: “*eu sou o homem das dificuldades*”, disse o próprio Bolívar. Hernán Cortés avançou em direção a Tenochtitlán; Pablo Morillo, séculos depois, também investiu com suas tropas em território americano. Ambos tinham poucos soldados e encaravam uma natureza hostil, com subidas, descidas e repleta de rios, assim como nas descrições de Bolívar. A diferença era que em vez de conquistar em nome da Espanha, como Cortés, Pizarro ou Morillo, o venezuelano “desconquistava” e desfazia os feitos dos espanhóis. O continente assaltado e injustiçado, dos séculos XVI ao XIX, enfim refazia a sua própria história.

Não deixa de ser significativo que Bolívar também tenha se referido aos presentes dados por Deus: “[...] o Céu ouviu meus pedidos e gemidos” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.14). Insinuar uma presença divina capaz de interferir nos destinos das batalhas era uma forma de assegurar a vitória e de dialogar, ao mesmo tempo, com vilas e cidades em que havia uma forte presença da tradição religiosa. Além disso, se o *conquistador* (Cortés) e o *novo conquistador* (Morillo) falavam que Deus estava do lado espanhol, logo, o *Libertador* (Bolívar) também se referia à presença do Criador. Os apelos aos favores divinos permitiam um maior entendimento desses discursos por parte das populações hispano-americanas, em sua maioria de cristãos. Em vez de escrever que lutava ao lado da justiça, contra a monarquia e baseado nas leis do progresso e da razão, o que seria compreendido por menos pessoas, o general venezuelano e o *Correo del Orinoco* preferiam se referir à presença e à ação direta da Providência Divina, situando a América do lado certo da história, ao lado da verdade.

Assim sendo, evitar uma *nova conquista*, como eram chamadas as campanhas de Fernando VII e as ações de Pablo Morillo, tornava-se o destino divino da América e, portanto, um direito dos hispano-americanos, e não uma rebelião. Não é fortuito que o *Correo del Orinoco* transcrevesse, em vários momentos, trechos de jornais norte-americanos. Na edição de novembro de 1818, foi estampada a Legislação de Kentucky, da qual frisamos: “[...] a liberdade das nações é derivada de Deus e da natureza, e não é uma dádiva dos reis”; “[...] a luta dos patriotas da América do Sul pelo direito de governar-se está justificada pelas leis de Deus e pelas leis da natureza” (CORREO DEL ORINOCO, 1818, n.15). O periódico de Angostura publicou um trecho do *The Maryland Censor* em fevereiro de 1819, no qual identificamos: “Fernando VII e seus devotos partidários são os únicos que obstinadamente negam o direito dos colonos espanhóis à independência e à liberdade. Toda nação civilizada, todo homem desinteressado confessa francamente a justiça de sua causa” (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.17). O próprio editor do *Correo del Orinoco* acrescentou o seguinte comentário: “[...] jornais tão liberais não podem deixar de favorecer a causa dos patrióticos da América do Sul” (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.17).

Mencionar periódicos dos Estados Unidos era uma maneira de reconhecer a validade do movimento dos *criollos*. Se as treze colônias da América do Norte tinham conseguido a separação da Inglaterra, a América do Sul poderia atingir êxito a partir dos mesmos princípios e justificativas, pautados nas leis de Deus e da natureza. O direito de rebelar-se contra uma apropriação territorial era reconhecido por autores como John Locke. No capítulo intitulado “Da conquista”, disse o pensador inglês: “[...] muitos têm confundido a força das armas com o consentimento do povo e consideram a *conquista* como uma das origens do governo. Mas a *conquista* está longe de estabelecer qualquer governo”; “[...] o agressor [...] jamais extrairá de uma guerra injusta nenhum direito sobre sua *conquista*” (LOCKE, 2019, p.83-84)¹⁷. Com relação aos poderes e direitos da comunidade civil, Locke argumentava o seguinte:

¹⁷ Grifo nosso.

[...] pois todo poder confiado como um instrumento para se atingir um fim é limitado a esse fim, e sempre que esse fim for manifestamente negligenciado ou contrariado, isto implica necessariamente na retirada da confiança, voltando assim o poder para as mãos daqueles que o confiaram, que podem depositá-lo de novo onde considerarem melhor para sua proteção e segurança (LOCKE, 2019, p.76).

Assim, a elaboração do conceito de Libertador se torna mais clara. As suas ações individuais, corajosas e heroicas eram guiadas por um plano maior. As menções às interferências divinas, aos pedidos que foram atendidos pelos céus eram uma forma de divulgar algo novo, como as ideias do direito à rebelião e de um autogoverno. Nesse momento, eram resgatadas as cenas e as imagens de Cortés, com forte apelo simbólico, para sensibilizar a nascente opinião pública. Assim, os usos do passado justificavam as ações presentes e ajudavam a difundir as novas teorias políticas subrepticamente. Em vez de se usar o termo “direitos naturais”, uma parte do discurso independentista falava em “vontade de Deus”. Nesse caso, justiça e verdade, bíblica ou iluminista, se misturavam. As novas teorias das Luzes viajavam e eram melhor compreendidas partir de velhas roupagens e, ao mesmo tempo, as antigas ideias religiosas mantinham-se escondidas e vivas em discursos políticos iluministas.

Colocando-se como um escolhido, Simón Bolívar admitia que a sua missão era tão divina como havia sido a de Cortés e era a de Morillo. A América queria justiça e o general venezuelano pretendia ser o seu benfeitor, o seu instrumento. Como alegou o próprio Bolívar em matéria do *Correo del Orinoco*: “[...] a moral de Jesus, a obra Divina que nos enviou a Providência para melhorar os homens, é tão sublime, tão Santa [...]” (CORREO DEL ORINOCO, 1819, n.21). Alguns anos antes, em seu “Manifiesto de Carúpano”, de setembro de 1814, afirmara: “[...] fui eleito pelo destino das armas para quebrar vossas correntes, como também fui, digamos assim, o instrumento de que se valeu a Providência Divina para acalmar vossas aflições”; “[...] combatam, pois, e vencerão. Deus concede vitória à constância” (BOLÍVAR, 1983, p.64 e 67). Escreveu para Juan de Dios Amador em fevereiro de 1815, do quartel de Santa Cruz de Mompox: “[...] sem dúvidas, Deus quer acalmar os males de Cartagena” (BOLÍVAR, 1921, p.111). Na *Carta da Jamaica*, de 6 de setembro de 1815, Bolívar tratou da interferência divina e dos conquistadores do século XVI: “[...]”

é um ato bastante evidente da retribuição divina e, ao mesmo tempo, uma prova de que Deus apoia a justa causa dos americanos e lhes concederá a independência; [...] parece que o senhor quer aludir ao monarca do México, Montezuma, preso por Cortés e morto, segundo Herrera, pelo mesmo [...] e a Atahualpa, inca do Peru, destruído por Francisco Pizarro e Diego de Almagro” (BOLÍVAR, 1992, p.59). No mês de outubro de 1817, em uma de suas declarações, Bolívar se referiu da seguinte maneira à brutal execução do general Manuel Piar, considerado traidor da causa *criolla*: “[...] o Céu viu com horror esse cruel parricida. O Céu o entregou à vingança das leis [...]”. Em uma carta para José Manuel Restrepo, escrita em Chancay, no dia 10 de novembro de 1824, respondia ao escritor:

O gênio da América guiou a minha campanha e a fortuna nos sorriu. Não faz um ano que saí de Lima para tomar quinze províncias que estavam em mãos de dissidentes e libertei mais de vinte que estavam nas mãos dos opressores. Consegui tudo sem um tiro de fuzil [...] sepultamos a guerra civil no abismo do esquecimento, e arrancamos o cetro do poder dos sucessores de Pizarro (BOLÍVAR, 1992, p.255).

O pensador mexicano Leopoldo Zea, em uma introdução à *Carta da Jamaica* (1978), estampada em um caderno de estudos da Universidad Nacional Autónoma de México, escreveu: “[...] um documento extraordinário que resume o ideário e os projetos de libertação da América do homem que tomou como título o de *Libertador*. Título contrário ao de *Conquistador*, dado a Cortés e a Pizarro” (ZEA, 1978, p.7).

O Libertador também era um soldado, o *homem das armas*, na expressão trabalhada por Véronique Hérbrard (HÉRBRARD, 2006). Ele liderou tropas, libertou territórios e foi narrado como alguém capaz de fazer justiça social. Moralizado e consciente, ele libertava escravizados, distribuía terras, elaborava constituições e a sua figura, muitas vezes, se confundia com a de um “pacificador”. Ele era o bem, o *militar-filósofo*. A América, assim, criou o seu antigo e o seu novo *testamentos da emancipação*. O historiador colombiano Daniel Gutiérrez Ardila, a partir das teorias de Luis Castro Leiva, comentou: “[...] a liberdade, concebida como fruto da razão passou a ser vista então em termos voluntaristas como o resultado da virtude” (GUTIÉRREZ ARDILA, 2016, p.245). O título de Libertador, criado em 1813, era apenas uma medalha de metal, uma pequena estrela formada por sete raios. No

entanto, anos depois, o Libertador foi transformado na própria liberdade. Aquele que se nomeia Libertador não pode tyrannizar e nem oprimir os seus semelhantes. Tal conduta monstruosa era algo que se esperava apenas dos espanhóis.

Diante do que foi desenvolvido neste artigo, foi possível perceber uma verdadeira batalha pelos usos do passado. Tanto a imprensa realista quanto a emancipacionista utilizavam antigas referências coloniais para justificarem as suas ações no presente e, com isso, convencerem uma nascente opinião pública a respeito dos seus diferentes projetos. Gabriela Pelegrino Soares afirmou que essas escritas estavam, na verdade, dentro de uma lógica de “reinscrição” e que “nesse processo, as sociedades emancipadas se depararam com ‘formas já estabelecidas’ ou pelo menos ‘permeadas pela cultura do império’, em tramas necessariamente complexas, lentas e tecidas nas idas e vindas da História” (SOARES, 2017, p.27). O termo *usos do passado*, aliás, pode ser ampliado. Não se tratava apenas de se fazer um *uso* do passado como se ele fosse uma ferramenta que, uma vez utilizada, poderia ser facilmente descartada. Esse passado era reescrito, revivido, sentido, repensado e recriado. Uma vez reelaborado, a força desse passado consistia, sobretudo, em mover o presente da América Hispânica, direcionando-o, velozmente, rumo aos projetos futuros.

Fontes

BOLÍVAR, Simón. [Correspondência]. Destinatário: Juan Martín Pueyrredón. Angostura, 12 jun. 1818. In: FOMBONA, Rufino Blanco. *Cartas de Bolívar (1799-1822)*. Madrid: Biblioteca Ayacucho, 1921.

_____. *Escritos del Libertador*. Caracas: Sociedade Bolivariana de Venezuela; Stanford Libraries, 1964.

_____. *Escritos fundamentales*. Selección de Germán Carrera Damas. Caracas: Venezuela, 1983.

_____. *Escritos políticos*. Campinas. Unicamp, 1992.

CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México: Porrúa, 2007.

CORREO DEL ORINOCO

Arquivo digital disponível (PDF) no site: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/>.

- Correo del Orinoco*, Angostura, n.3, 11 jul.1818.
Correo del Orinoco, Angostura, n.5, 25 jul.1818.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 9, 22 ago. 1818.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 14, 24 oct. 1818.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 15, 21 nov. 1818.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 17, 6 feb. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n.18, 13 feb. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 19, 20 feb. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 21, 6 mar. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 26, 10 abr. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 30, 8 mai. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 46, 11 dez. 1819.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 50, 29 jan. 1820.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 59, 22 abr. 1820.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 66, 10 jun. 1820.
Correo del Orinoco, Angostura, n. 81, 23 set. 1820.
CORTÉS, Hernán. *Cartas de relación*. Madrid: Dastin, 2003.

GACETA DE CARACAS

Arquivo digital disponível (PDF) no site: <http://www.bolivarium.usb.ve/>.

- Gaceta de Caracas*, Caracas, n. 206, 2 sept. 1818.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 207, 9 sept. 1818.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 208, 16 sept. 1818.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 209, 23 sept. 1818.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 220, 18 nov. 1818.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 235, 17 feb. 1819.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 240, 24 mar. 1819.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 244, 21 abr. 1819.
Gaceta de Caracas, Caracas, n. 245, 28 abr. 1819.
Gaceta Extraordinaria de Caracas, Caracas, n. 261, 8 ago. 1819.

Gaceta de Caracas, Caracas, n. 265, 25 ago. 1819.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevíssima relação de destruição das Índias*. Lisboa: Antígona, 1990.

Referência Bibliográfica

ARMITAGE, David. *Declaração de Independência - uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Pensamiento de la Ilustración: economía y sociedad iberoamericana en el siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

DAMAS, Germán Carrera. *El culto a Bolívar*. Caracas: Grijalbo, 1969.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

_____. *Guerras de papel: Francisco de Paula Santander e Simón Bolívar, das peças autobiográficas à relação epistolar (1826-1837)*. Goiânia: UFG, 2017.

GUTIÉRREZ ARDILA, Daniel. *La Restauración en la Nueva Granada (1815-1819)*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2016.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HÉBRARD, Véronique. “El hombre en armas: de la heroización al mito”. In.: *Mitos políticos en las sociedades andinas: orígenes, invenciones, ficciones*. Lima: Institut Français d'études andines, 2006. (pp.1-28)

ITURRIETA, Elías Pino. *Nueva Lectura de la Carta de Jamaica*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1998.

_____. *El divino Bolívar: ensayo sobre una religión republicana*. Madrid: Catarata, 2003.

_____. *Bolívar: Esbozo Biográfico*. Caracas: Editora Alfa, 2015.

_____. *Nada sino un hombre*. Caracas: Editora Alfa, 2016.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora da PUC, 2006.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MADARIAGA, Salvador. *Bolívar*. México: Hermes, 1951. Tomo I.

PAINE, Thomas. *O senso comum*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PALTÍ, Elías José (org.). *Mito y realidad de la “cultura política iberoamericana: debates en IberoIdeas”*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagens e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de la Nueva España*. México: FCE, 2013.

RODRÍGUEZ, Jaime E. *La Independencia de la América Española*. México: FCE – COLMEX, 2005.

RODRÍGUEZ, Manuel Alfredo. *El Correo del Orinoco: periódico de la emancipación americana*. Biblioteca Popular Venezolana; Instituto Nacional de Cultura y Bellas Artes: Caracas, 1969.

ROJAS, Rafael. *Las Repúblicas del aire: utopía y desencanto en la revolución de Hispanoamérica*. México: Taurus Historia, 2009.

SALCEDO-BASTARDO, José Luis. *Visão e Revisão de Bolívar*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

SEBASTIÁN, Javier Fernández. Hacia una historia atlántica de los conceptos políticos. In.: *Diccionario político y social del mundo iberoamericano: la era de las revoluciones*. Madrid: Fundación Carolina, 2009. Iberconceptos – I. p.23-48.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (Século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017.

ZEA, Leopoldo. Apresentação. *Latinoamerica: Cuadernos de Cultura Latinoamericana - Simón Bolívar, Carta da Jamaica*, México, n.1, nov. 1978.